
RECENSÕES / BOOK REVIEWS

BUSTILLOS, Bernadeth Caero; Charupá (Ed.). *Urbes*. Una cercamiento teológico-misional a la transitoriedad urbana. Cochabamba, Itinerarios, 2013.

Estamos ante um livro escrito por uma pluralidade de autores e sobre temas tão diversos como a história das reduções jesuíticas de Chiquitos, uma película de Sanjinés sobre o mundo aymara clandestino, uma novela de Adolfo Cárdenas sobre os bairros periféricos de La Paz em noites de vinho e aventuras, reflexões sobre o fim das certezas e a atitude nômade, para desembocar no evangelho de João e a aproximação entre católicos e pentecostais.

A primeira impressão que o leitor tem ao passar a vista pelo índice e muito mais ao ir avançando na leitura dos capítulos do livro é a de certa confusão, dispersão, fragmentação, como se estivéssemos diante de um grande quebra-cabeças ou jogo com muitas peças que não sabemos como compor. Para dizer com uma só expressão, sensação de Babel, o relato-mito bíblico sobre a confusão de línguas.

Por isso, a pergunta óbvia é qual é o *meeting point*, o ponto de encontro que unifica temas, autores e perspectivas tão diferentes? Não basta responder que os autores formam parte de uma equipe do Instituto de Misiologia de la Facultad de "San Pablo" de Cochabamba. Deve haver algum nexo interno mais profundo entre autores e temas.

O título do livro é *Urbes*, mas o subtítulo é que nos dá a chave de leitura: "*Un acercamiento teológico-misional*". Trata-se pois de uma aproximação teológico-missional às *Urbes* da Bolívia de hoje. E as cidades da Bolívia hoje em dia ao um entretecido de etnias, culturas, religiões, idades, e setores sociais diversos, repartidos entre o centro e as periferias urbanas.

Mais ainda, não só há diferenças em uma mesma geografia urbana, em um mesmo *habitat* local, mas o conjunto urbano está em um processo dinâmico de mudança, de transformação, nomadismo abrahâmico, em um caminhar para não se sabe aonde. Romperam-se pautas, esquemas, tradições, certezas, dogmatismos, estamos ante um furação, um *tsunami* de proporções insuspeitadas. A confusão e Babel que produz a diversidade de temas e o pluralismo de enfoques dos capítulos do livro, responde ao caos da situação real que vivemos hoje. O meio já faz parte da mensagem.

Esta situação tão diversa e de mudança requer uma metodologia especial, não só intercultural mas também transdisciplinar e transitória, que capte

a riqueza nomádica das cidades e suas periferias, os sujeitos emergentes, seu contínuo movimento. A diversidade de temas e de aproximações não é pois algo casual, mas algo que responde a um desenho hermenêutico para captar melhor a realidade urbana do país.

Esta metodologia implica fazer memória do passado (aqui ganha sentido a descrição da reduções jesuíticas de Chiquitos), supõe aproximação do complexo momento presente (para isso o cinema e a novela são instrumentos muito válidos) e propor alguma pista profética do futuro, ainda que em meio à crise de paradigmas e de ruptura de certezas: busca a luz no meio da noite escura ou no meio da treva que difumina todos os contornos conhecidos até agora, com o som de uma música adicional de fundo.

Mas a dificuldade de aproximação do urbano é ainda maior se esta aproximação não é só humanística, cultural, social ou política mas também em chave crente, em chave cristã e missionária. Isso implica um conceito renovado de missão, mas próximo do evangelho de João que dos sinóticos e Paulo. Por isso no livro se privilegia o evangelho de João, que, além disso, é tratado pelas duas teólogas da equipe, o que enriquece a visão desde a perspectiva de gênero... O evangelho de João nos apresenta uma atitude de presença, de proximidade, de escuta e de diálogo de Jesus, concretamente no texto dos diálogos de Jesus com a Samaritana, com Maria Magdalena, com Nicodemos e Tomé. A resposta joanina de missão é diferente da resposta sinótica e paulina, mas preocupada com o anúncio explícito, por ensinar, converter e agregar à Igreja, com o risco iminente de degenerar em proselitismo, domínio e submissão do mais fraco ao mais forte. Não é o que tem sucedido em muitas épocas da Igreja e em grande parte também na primeira evangelização da América Latina, mais preocupada em converter e batizar do que em escutar e dialogar com os originários do lugar? A missão joanina é mais próxima e mais dialogante, mais respeitosa e entranhável, mais simbólica e narrativa.

Esta preocupação por um novo modelo de missão responde ao momento atual da Igreja latino-americana, que em Aparecida fala de estado de missão, de conversão pastoral e de discipulado missionário, para que nossos povos tenham vida. Não é esta também a preocupação do Papa Francisco que fala de ir às fronteiras, descer às ruas, cheirar a ovelha, respeitar as consciências, escutar e dialogar, exercer a misericórdia, sair da bolha do bem-estar capitalista, acercar-nos ao povo pobre e marginalizado?

Em síntese, a leitura deste livro nos faz passar da aparente sensação de Babel que tivemos no começo a uma experiência de Pentecostes. A confusão de Babel é a consequência de querer construir uma torre que chegue até o céu, quer dizer a busca do mito de uma unidade monolítica, uniforme, enquanto Pentecostes é o contrário, o Espírito respeita a diversidade de povos e culturas: medos, partos, elamitas do Ponto... escutam em sua própria língua a mensagem de Pedro.

O mito da torre de Babel significa em nosso caso uma missão imposta de cima por parte da Igreja, com normas e receitas claras, enquanto o relato de Pentecostes nos abre o caminho para uma missão diferente, para uma fé em Jesus de Nazaré em meio a um mosaico de vozes e cores diferentes. Pentecostes foi o começo da missão eclesial. Também a este livro seguramente outros estudo missiológicos que prosseguirão e irão concretizando as intuições deste.

Enquanto isso, comecemos a ler o livro, imaginando que estamos sentados junto ao poço de Jacó, onde foi buscar água a mulher samaritana da cidade de Sicar. Melhor ainda se nos aproxima um judeu cansado do caminho e sedento que pede que lhe demos a beber um pouco de água...

Victor Codina SJ - Bolívia

AUGUSTIN, George / KOCH, Kurt (Org.). *La liturgia como centro de la vida cristiana*. Tradução do original alemão de 2012 por Marciano Villanueva Salas. Santander: Sal Terrae, 2013. 166 pp., 21,3 X 14,5 cm. Col. Presencia teológica, 197. ISBN 978-84-293-2057-2.

A obra faz parte do catálogo de publicações do Instituto de Teologia, Ecumenismo e Espiritualidade “Cardeal Walter Kasper”, sediado na Alemanha, e reúne cinco artigos que se colocam na perspectiva de uma nova recepção do magistério do Concílio Vaticano II, em especial, do ensinamento contido da constituição *Sacrosanctum Concilium*. Os artigos convergem no esforço por encontrar, hoje, uma nova compreensão da liturgia como ciência teológica, num momento em que já se veem superados alguns exageros na unilateral compreensão da liturgia como participação ativa dos fiéis, em detrimento do caráter de adoração de Deus que deve permear toda celebração litúrgica, especialmente a eucaristia. Para tanto, resgatam-se contribuições de autores importantes no movimento litúrgico pré-conciliar, tais como Odo Casel, Romano Guardini e Josef Andreas Jungmann, bem como as reflexões recentes de Joseph Ratzinger e Walter Kasper.

O primeiro texto, de autoria do próprio cardeal Walter Kasper, presidente emérito do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, intitula-se “Tempos sagrados, lugares sagrados e sinais sagrados num mundo mundanizado”. Kasper chama a atenção para o necessário resgate do sentido do sagrado por parte do homem de hoje, desejoso de superar uma situação de nostalgia e melancolia em fase da experiência da falta do mesmo sentido do sagrado. Avaliando uma série de propostas de solução para o problema apontado, Kasper acaba por reconhecer na liturgia

o lugar por excelência da experiência do sagrado a ser feita pelo homem contemporâneo. Destarte, importa corrigir todo excesso de dessacralização da liturgia, que acabou por reduzi-la a uma mera “celebração comunitária”, quando ela deve ser vivida, sobretudo, como epifania, “na qual se alcance a experiência da infinita excelsitude e a ilimitada fascinação do Deus santo nos momentos da quietude, da contemplação e da escuta, da adoração e do louvor” (p. 35).

O cardeal Kurt Koch, atual presidente do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, desenvolve o seguinte tema: “A liturgia da Igreja como festa da fé viva”. A gratidão e a atmosfera de festa devem marcar as celebrações litúrgicas, o que implica mais do que o reconhecimento dos favores de um Deus que ama os homens: “Não damos graças a Deus em primeiro lugar por aquilo que Ele faz para nosso bem. Damos-lhe graças porque Ele existe, e por sua beleza” (p. 48). Koch chama a atenção para o caráter cósmico da liturgia, em especial da eucaristia, ou seja, a liturgia eucarística transcende os âmbitos históricos e se exercita enquanto louvor e agradecimento do Deus criador e animador do Universo.

George Augustin, sacerdote palotino e doutor em teologia, diretor do Instituto de Teologia, Ecumenismo e Espiritualidade “Cardeal Walter Kasper”, assina o terceiro artigo, intitulado “Celebrar a eucaristia com proveito espiritual”. Digna de nota é a intenção do autor em explicitar a importância do caráter de adoração da celebração eucarística. Não se trata, a propósito disto, de promover cultos de adoração eucarística, mas de reconhecer que, na celebração eucarística mesma, os fiéis se colocam (ou devem se colocar) em atitude reverente diante de Deus. Segundo Augustin, encontra-se aqui a chave de solução para o problema do fechamento do homem em sua pretensa autonomia diante de Deus, pois “numa época em que, ao que parece, cada qual se torna a si mesmo como critério único, é muito importante destacar a dimensão da adoração de Deus” (p. 93). Interessante também, nesta discussão bastante ampla, é a relação que se estabelece entre sacerdócio ministerial e sacerdócio comum dos fiéis. Ora, “na meta da glorificação de Deus se manifesta também a conexão interna do sacerdócio ministerial com o sacerdócio espiritual de todos os crentes. O serviço sacerdotal deve ter seu centro na glorificação de Deus” (p. 95). Com efeito, trata-se aqui de resgatar o papel do sacerdócio ministerial como serviço ao ministério do Povo de Deus todo ele sacerdotal, sobretudo em tempos nos quais assistimos a uma indevida ênfase do protagonismo do clero nas comunidades eclesiais, e de modo particular, nas celebrações litúrgicas.

O quarto artigo é de autoria de Winfried Haunerland, professor de liturgia na Faculdade de Teologia Católica da Ludwig-Maximilians-Universität, de Munique, e demonstra ser o “*Mysterium paschale* o conceito chave da renovação teológico-litúrgica”. O autor desenvolve o seu texto em três seções,

a saber: (1ª) O discurso conciliar sobre o *mysterium paschale*; (2ª) As raízes do discurso sobre o *mysterium paschale*; (3ª) Consequências do discurso sobre o *mysterium paschale*. Haunerland julga que o importante conceito de mistério pascal ainda não foi suficientemente tratado pelos estudos sobre os textos conciliares, quando SC 5 destaca “o mistério pascal como ponto de acumulação da história da salvação e, ao mesmo tempo, como fundamento eficaz da redenção e como fonte da Igreja” (p. 116). É o mistério pascal de Cristo tão importante para a Igreja, que “deve converter-se na forma de vida dos sacerdotes e de todos os fiéis” (p. 118). Ao apresentar sucintamente a história da recepção deste conceito pela *Sacrosanctum Concilium*, Haunerland chama a atenção para o deslocamento, a partir da influência da teologia francesa e da teologia dos mistérios de Odo Casel, da ênfase na Encarnação para a redescoberta do acontecimento pascal da morte e ressurreição de Jesus, a saber, do mistério pascal. O enraizamento patrístico e litúrgico da teologia dos mistérios proposta por Casel foi de grande valor no período pré-conciliar, na medida em que proporcionou ao Vaticano II tomar o mistério pascal como ponto de partida de seu ensinamento sobre a renovação litúrgica (cf. p. 126). Por sinal, o resgate do conceito de mistério pascal pelo último Concílio deve ser enfatizado nos tempos de hoje, na medida em que previne que a *participatio actuosa* dos fiéis se converta numa ação meramente humana, horizontalista. Neste aspecto, é de notar-se o necessário equilíbrio entre eclesiologia e cristologia na liturgia. Além disso, mencione-se outra contribuição da teologia dos mistérios de Casel, desta feita, para uma mais exata compreensão do caráter sacrificial da celebração eucarística, melhor compreendido na atmosfera ecumênica vivida a partir do Vaticano II. Winfried Haunerland conclui sua contribuição evocando a oportuna iniciativa de Walter Kasper, quando este “postula a necessidade de uma nova cultura litúrgica da memória” (p. 136), que não pode deixar de reconhecer lugar central à liturgia como celebração do mistério pascal.

Albert Gerhards assina o quinto e último artigo da coletânea, que trata da liturgia enquanto “forma estética da Igreja entre ser e devir”. Digna de nota é a advertência de que a *Sacrosanctum Concilium*, primeira constituição a ser aprovada pelos Padres conciliares no Vaticano II, deve ser interpretada a partir das constituições promulgadas a seguir: sobre a Igreja, sobre a revelação, e sobre a inserção e presença da Igreja no mundo atual. Ora, “do conjunto das declarações conciliares se deduz que o culto da Igreja não se identifica com o substrato literário dos livros litúrgicos aprovados, mas que é realização vivente” (p. 139). Discussão importante aqui é, sem dúvida, aquela que trata da teologia litúrgica como teologia feita a partir da práxis litúrgica da Igreja, e não como mero estudo de textos, ritos e celebrações. Em seguida, o autor apresenta as diferentes perspectivas de Joseph Ratzinger e Walter Kasper em vista da elaboração de uma teologia da liturgia. Para Ratzinger, cuja obra *Der Geist der Liturgie: Eine Einführung* é analisada pelo autor do artigo, “o essencial sobre o culto cristão é a ado-

ração de Deus na liturgia e na vida cotidiana” (p. 143). Ainda tratando da liturgia em Ratzinger, Gerhards apresenta o importante tema das dimensões do espaço e do tempo, assim como aquele das artes. E quanto à assimilação, pela liturgia, de elementos de uma determinada cultura, o autor do artigo destaca que, segundo Ratzinger, no jogo entre cultura e história, a segunda deve ter a primazia (cf. p. 149). Em Walter Kasper, Gerhards trabalha a obra *Die Liturgie der Kirche*, que enfatiza que a liturgia é o “coração palpitante da Igreja” (cf. p. 150), razão pela qual o cardeal alemão defende uma nova cultura litúrgica como resposta à crise da modernidade. Desta forma, a questão litúrgica não se restringe ao âmbito intraeclesial, mas diz respeito à própria sociedade em que se insere a Igreja; exemplo disto é a contribuição que as festas litúrgicas podem dar na forma de interrupção do tempo normal da sociedade, vale dizer, de interrupção do tempo quase totalmente tomado pela atividade laboral. De Kasper, o autor do artigo destaca o mistério pascal e a ação do Espírito Santo na liturgia, o que se demonstra pela revalorização da epiclesse, isto é, da invocação do Espírito Santo, na oração eucarística. A exemplo de Ratzinger, Kasper defende o caráter de glorificação de Deus como inerente à liturgia, o que faz superar uma visão meramente convivial da mesma. Insere-se aqui, entre outras coisas, a marca doxológica da celebração eucarística, atestada, por exemplo, pelo livro do Apocalipse. Gerhards destaca, em Kasper, o reconhecimento de que “a adoração é o ato supremo da humanização do homem” (p. 155). Na obra comentada pelo autor do quinto artigo, Kasper ainda trata da fundamentação eclesiológica da liturgia, com as categorias “povo sacerdotal de Deus” e “comunhão dos santos”, e da redescoberta da eclesiologia eucarística pelo Vaticano II. Com efeito, “o Concílio devolveu assim sua validade à eclesiologia eucarística da Igreja antiga. A Igreja única se compõe de Igrejas locais, as quais confluem na comunhão eucarística” (p. 156). Além disso, o autor destaca em Kasper a explicitação de que “a comunhão transcende amplamente os presentes”, na medida em que “sobressai a dimensão do futuro, que se expressa, sobretudo, no canto do *Sanctus* como participação no canto de louvor dos anjos no céu” (*ibid.*). Ainda, são tratados os temas da diversidade ministerial na unidade da celebração litúrgica, bem como o potencial ecumênico da liturgia, na medida em que significa atitude de oração em busca da unidade eclesial. A relação entre liturgia e compromisso social, bem como aquela entre liturgia e missão, e aquela outra entre liturgia e beleza, são os três últimos temas discutidos pelo cardeal Kasper. Ao final de seu artigo, Gerhards destaca elementos de convergência e de divergência entre as perspectivas de Ratzinger e de Kasper no tocante à liturgia, e procura resumir este exercício de comparação com a seguinte frase: “Ratzinger pensa em chave epifânica; Kasper, a partir da encarnação” (p. 161). Gerhards reconhece que “ambos os autores estão empenhados numa renovação da liturgia desde dentro”, e lhes “interessa a transmissão das riquezas da tradição litúrgica da Igreja aos homens de nosso tempo” (p. 163). Neste sentido, não basta uma

simples cognição do que vem a ser a liturgia, mas, sobretudo, requer-se experiência que envolva emoção e corporeidade. O artigo é concluído com a apresentação de algumas questões abertas sobre a “teologia da liturgia”, campo em que ainda resta muito a fazer.

Necessário se faz indicar algumas imperfeições na edição da obra aqui comentada. À p. 37, onde se lê “cuado”, leia-se “cuando”; e à p. 64, leia-se “liturgo” ao invés de “licurgo”. À p. 123, linha 9, onde se lê “pasa”, deve-se ler “para”; e à p. 125, nota 33, corrija-se “paleoocesial” para “paleoeclesial”. Advirta-se também que, na edição final do livro, houve inversão das páginas 156 e 157.

Os autores dos artigos desta coletânea são unânimes quanto ao reconhecimento da necessidade de uma *reforma da reforma litúrgica*, com o intuito devolver à liturgia o caráter de adoração de Deus e superar um horizontalismo resultante de uma reducionista interpretação da proposta conciliar de uma participação frutuosa dos fiéis na sagrada liturgia. Com esta obra, eles intentam equilibrar as duas dimensões da liturgia: vertical, enquanto adoração do mistério de Deus; e horizontal, enquanto reunião sagrada da comunidade de fé. Certamente, com tal projeto, eles dão uma valiosa contribuição no processo de recepção do Concílio Vaticano II, ora em curso.

Paulo César Barros, SJ

MURRAY, Paul. *Rezar com confiança*. Santo Tomás de Aquino sobre o pai-nosso. Tradução de Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Loyola, 2013. 103p. ISBN 978-85-15-04020-9.

Encontramos três andares de riqueza. No primeiro, está a oração do Pai-Nosso de Jesus. Extremamente familiar a todos nós. No segundo andar, deparamos com comentários de Santo Tomás de Aquino. Basta citar o nome para dar-nos conta da profundidade da reflexão. E no terceiro, o A. do livro apoia-se nos andares inferiores para ampliar as considerações.

Na introdução, o A. mostra, diferentemente da opinião mais corrente, a figura de Santo Tomás, como homem profundamente espiritual, cuja teologia aponta para a contemplação, no dizer de J.-P. Torrell e não simplesmente como escritor de obra especulativa e doutrinal.

Encontrar-se com Tomás de Aquino, o santo, o místico, representa para muitos surpresa espiritual. Confirma tal espanto, o fato, com sal de humor, contado por Chesterton. Certa senhora adquirira um livro antológico de Santo Tomás, com um comentário, e começou corajosamente a ler uma

seção com o inocente título: “A simplicidade de Deus”. Em seguida, guardou o livro com um suspiro e disse: “Bem, se essa é a Simplicidade de Deus, imagino como será sua complexidade!” O presente livro, porém, confirmará o leitor na alegre novidade do tom de simplicidade de Santo Tomás que responde, em tom expositivo, perguntas que surgem no fiel iniciante na vida espiritual que reza a oração do pai-nosso. Não tem naturalmente o *pathos* de emoção das meditações de Santa Tereza sobre essa oração.

Tomás sobressaiu-se como homem e teólogo da oração, sábio de profunda perspicácia e clareza. Ao falar da oração, ele insistiu, como fundamental, na dimensão de súplica. Vê nela atividade religiosa autêntica que todo cristão deve praticar. Faz parte da vida de luta e tribulação. Nasce da nossa natureza de necessidade e do reconhecimento da pobreza espiritual.

Aquino diz que a sua intenção vai na direção de “oferecer coisas mais elevadas aos adiantados e, ao mesmo tempo, não recusar aos iniciantes a ajuda de que precisam”. Parte da taxativa afirmação: “O próprio Deus nos ensinou esta oração”, por isso é “a mais perfeita das orações”. “As pessoas não rezam como devem se não pedem uma coisa contida no pai-nosso”, mesmo se usarem outras palavras.

Embora não tenha escrito um livro especificamente sobre o pai-nosso, deixou-nos alguns textos e tratados sobre o assunto, escritos em épocas diferentes. E o autor trabalha sobre esses textos. A maioria pertence aos últimos anos da vida de Tomás.

O A. percorre as diferentes petições do pai-nosso. Naturalmente começa com a invocação “pai-nosso” e sinaliza cinco aspectos: instrui-nos na nossa fé, aumenta nossas esperanças, serve para estimular a caridade, convida-nos a imitar a Deus e chama-nos à humildade. Tomás frisa muito a esperança. Aponta três erros opostos: Deus não se interessa por nós, tudo já tem um destino estabelecido e pela petição modifica-se radicalmente a amorosa providência divina. Então se pergunta para que serve a oração de petição, se ela não muda a providência divina? Tomás responde que Deus pode querer desde a eternidade que as coisas aconteçam de acordo com minhas orações e, portanto, como respostas a elas. O “nosso” do pai-nosso mostra que, por via de regra, o Senhor nos ensina a rezar por todo o povo. A oração assim se faz mais aceitável a Deus.

“Que estais no céu” reflete o ilimitado poder de Deus que supera todas as coisas. Isso nos desperta confiança e esperança e também leva-nos a imitar as coisas celestes, voltando para o céu a atenção. Não significa que ele esteja confinado no céu. Está bem próximo de nós, habita-nos pela graça, marca presença nos santos da terra. Portanto, Santo Tomás afasta o erro de pensar um Deus distante de nós.

“Santificado seja o vosso nome” significa que o nome de Deus, que já é santificado, o seja por todas as pessoas. Que ele seja bem conhecido. Que nenhuma coisa seja considerada mais santa e que seja tratado como santo pelos seres humanos. Que ele seja manifestado santo pela santidade dos homens e mulheres santificados pela divina força interior e que nossas vidas o glorifiquem pela nossa santificação na luta diária contra o pecado. Trata-se da difusão da glória de Deus. Tomás diz também que pela ajuda aos pobres fazemos nossas as orações dos pobres.

“Venha a nós o vosso reino” implica o desejo da liberdade, porque o reino de Deus é a mais perfeita liberdade. Só nele ela existe. Na terra, é imperfeita. Por isso a pedimos. Tomás manifesta apreço enorme pela liberdade e pela alegria próprias do reino de Deus. Por que pedir que venha o reino, se ele já está? Porque ainda todas as coisas não estão sujeitas a ele por causa do pecado.

“Seja feita vossa vontade assim na terra como no céu” significa para Tomás que Deus quer de nós três coisas: que tenhamos a vida eterna para que fomos criados, que guardemos seus mandamentos o que já aconteceu com os justos (nos céus), mas não ainda com os pecadores (na terra) e que sejamos restituídos ao estado e à dignidade em que foi criado o primeiro homem de modo que a carne não seja mais rebelde contra o espírito. Pedimos que esta vontade se realize em nós.

“O pão nosso de cada dia nos dai hoje” chama a atenção para uma das necessidades humanas básicas e materiais em contraste com as petições anteriores referentes a Deus. Ele continua presente, já que ele nos proporciona os bens materiais. Tomás adverte para cinco pecados que costumam ser cometidos por causa de desejos de coisas temporais: buscar coisas além do nosso estado e condição de vida; ao adquirir bens temporais importunar e enganar os outros; excessiva preocupação; voracidade imoderada; e ingratidão. Ele vê no simbolismo do pão, além das necessidades básicas da vida, a própria Divindade, os preceitos e mandamentos divinos, Cristo é chamado pão da vida na medida em que ele está no sacramento do altar, o pão sacramental, o pão da palavra de Deus. Com esse pão espiritual já experimentamos a alegria da vida eterna.

“Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido” tira a ilusão de que haja justos sem nenhum pecado. Todos somos pecadores e precisamos do perdão de Deus. Essa oração revela o grande poder de Deus contra os males físicos e espirituais. Obtemos por ela coisas que não merecemos, como o perdão dos pecados com atitude de humildade do publicano. Ela nos lembra que devemos ser humildes e nos encher de esperança. A segunda parte da petição mostra que quem deseja Deus ser senhor de todos, não vinga as injúrias recebidas e entrega tudo a Deus. Por ela obtemos o perdão dos pecados. Portanto,

seguimos o ensinamento evangélico do amor aos inimigos com perdão e caridade. Nas pessoas devemos amar-lhes a dignidade de criatura de Deus e detestar a maldade presente nelas, isto é, amar a pessoa e não a culpa. Tomás entende que oração pode ser válida quando rezada por alguém que ainda não conseguiu perdoar, porque ele o faz como oração da e na Igreja.

“Não nos deixeis cair em tentação” não pede que não tenhamos tentação, mas que não embarquemos nela. Deus não tenta. A tentação vem de três fontes. A carne nos incita ao mal no sentido de buscarmos prazeres da carne nos quais ocorre o pecado. O mundo nos tenta de formas óbvias, como, p. ex., o amor ao dinheiro. O diabo nos engana com muita sutileza. A tentação tem aspecto positivo, observa Santo Tomás, pois ao vencê-la merecemos uma coroa. Por ela nos conhecemos melhor a nós e aos outros.

“Mas livrai-nos do mal” fecha as petições. Pede-se a libertação do mal passado, presente e futuro, do mal da culpa, do castigo, de toda adversidade, dos infortúnios, das aflições. Tomás aponta quatro meios para livrar-nos do mal: intervenção de Deus que é rara; o consolo que Deus nos dá na aflição; as bênçãos recebidas que ajudam a esquecer o mal original; as provocações e tribulações que se convertem em nosso bem. Cita para esse último caso o “aguilhão da carne” de São Paulo. Deus não o retira, mas o faz converter em benefício espiritual para o apóstolo. Deus é como o médico que dá remédio amargo para curar a doença.

Ao percorrer as petições, surge-nos clara a ideia central do espírito de confiança que ela encerra como traço fundamental. Ela termina com a palavra “Amém”. Esta vem precisamente confirmar que nos é dada a confiança de obtermos tudo o que pedimos. O pai-nosso, conclui santo Tomás, contém tudo o que pode estar contido nas outras orações. Na sua recitação tornamo-nos amigos de Deus. É uma petição humilde, insistente em diálogo íntimo com Deus.

Esse pequeno livro serve de excelente incentivo para renovar a recitação do pai-nosso. Consegue mostrar-lhe a riqueza, a profundidade e a abrangência. Como se trata de oração que recitamos tanto amiúde vale a pena ler o que Santo Tomás e o A. escrevem. Assim adentramos no coração da oração do Senhor. Serve como subsídio para breve retiro de fim de semana e no final rezaremos, sem dúvida, o pai-nosso de maneira nova.

J. B. Libanio

CROUCH, Andy: *Crear cultura: Recuperar nuestra vocación creativa*. Santander: Sal Terrae, 2010. 317 pp., 21,3 X 14 cm. Col. Presencia social, 35. ISBN 978-84-293-1841-8.

O livro orienta-se para cristãos e comunidades cristãs, a fim de que eles se situem no momento atual como pessoas que queiram influenciar na cultura ao mesmo tempo em que são por ela forçados. O título e o subtítulo indicam bem a proposta principal do livro: assumir posição de criadores em face da cultura na perspectiva da fé cristã.

O A., norteamericano, alude aos ministérios para jovens com êxito assombroso, ao se tornarem eles líderes influentes do movimento evangélico. As igrejas começaram com grupos de jovens e têm aumentado encontros para universitários e jovens nos quais se articulam fé e cultura juvenil. O A. preocupa-se nesse texto com o fato de que sejamos culturalmente receptivos, mas também responsáveis, críticos dessa cultura e até criarmos cultura. Em termos cristãos, pretende que toda a vida se conecte com o evangelho. Para isso o livro oferece orientações para a compreensão da vocação cristã na cultura.

Três partes. Na primeira apresenta um novo vocabulário para se falar de cultura: como funciona, como muda, como influi em nós e que esperamos dela. Ao falar de cultura no singular, na verdade se trata de culturas no plural em sua diversidade, variedade e história. O A. recorre à sociologia que estudou esse fenômeno. Em geral, quem mais a estudou foram os alemães. No fundo, o conceito básico de cultura é aquilo que fazemos com o mundo. Tomamo-lo nas mãos para fazer algo com ele, moldando-o e remodelando-o. Tecemos os horizontes do futuro. Tudo o que fazemos são coisas, bens que ao dar-lhes interpretação e sentido, criam cultura. Ela não é atividade solitária, mas partilhada. Há mundos culturais que produzem, acolhem, culturalizam as realidades. Demonstra-o, ao considerar a criança que vem ao mundo e começa a fazer cultura, os relatos culturais do início da história, a narrativa bíblica da criação do ser humano, o nosso modo agir cotidiano.

As coisas revelam como o mundo e elas são, como poderiam ser, o que as fez possíveis e que as faria impossíveis e novas culturas que elas provocam. Assim se amplia a cultura. Ela define os horizontes do possível e do impossível. Está continuamente em mudança. As linguagens do falar e do escrever se diferenciam, sempre em transformação. Há momentos de descobertas científicas abruptas ou lentamente preparadas. A tecnologia ocupa papel importante na mudança cultural. Perdem-se também culturas ou elas sofrem verdadeiras revoluções. Intervenções de Deus impactam a cultura, como p. ex. a ressurreição de Jesus. Mudamos cultura, criando mais cultura. Temos atitudes diversas em face da cultura: condenar, criticar, copiar, consumir, cultivar. Exemplifica como os cristãos, respeito à cultura de seu momento, tomaram essas posturas indicadas.

Na segunda parte, o livro apresenta novo modo de ler a história da cultura, ao recorrer à Bíblia. Considera-a, ao mesmo tempo, como verdadeira revelação da presença de Deus no mundo e como um produto profundamente cultural que se entrecruza uma e outra vez com realidades concretas. O A. pretende recuperar um modo cultural de ler a boa nova. Trata-se de redescobrir o contexto cultural dos evangelhos, sem com isso impedir de ele ser uma boa nova do alto. Só com tal descoberta cultural ele se torna boa nova para nós. Segue pensadores de origem calvinista.

Aborda a cultura desde a perspectiva bíblica, iniciando pelas páginas do Gênesis onde o ser humano aparece desde o princípio a criar cultura. A criação de Deus requer cultivo desde a terra, como jardim, como depois a construção de cidades. A leitura transversal da Escritura desde os relatos dos inícios passando pela constituição do povo de Israel até a pessoa de Jesus prolongada por Pentecostes e findando no apocalipse oferece-nos elementos para interpretar as vicissitudes do ser humano na aventura da criação da cultura, tanto na faceta positiva de graça como negativa de pecado. Os fatores tempo e espaço são importantes na gestação das culturas. Apresenta a pessoa de Jesus como quem cultiva e cria cultura até o extremo de sua morte na cruz e ressurreição. Tudo foi fonte interpretativa das culturas. Nesta perspectiva de fé, cultura é o plano original de Deus para a humanidade, dom fontal que ele lhe faz tanto na forma de dever como de graça. Lugar da rebeldia humana contra Deus, mas também da sua misericórdia perdoante. O evangelho não é simples produto cultural, mas na cultura revoluciona-a. Está dentro dela, inquietando-a.

Finalmente, o A. oferece novo conjunto de perguntas a respeito de nossa vocação cristã no mundo da cultura. Transformar a cultura ou mudar o mundo? Criar cultura: por onde começar no mundo? Como relacionar-se com o poder, a mais complicada de todas as realidades culturais, e com sua distribuição, inevitavelmente desigual?

Há uma atitude básica em face da graça. Tudo que tem a ver com nossa vocação cristã é dom. Queremos mudar e criar cultura. No entanto, nada de desespero nesse empreendimento, mas antes acordar cada manhã, alegre e ansioso para cumprir tal tarefa. Trabalhamos sabendo que tudo depende de Deus e por ele nos empenhamos. O livro quer ser uma proposta para ser lida, não sozinho, mas com outra pessoa. Cultura se partilha. Nunca estamos sós na cultura.

Mudança cultural é um tema relativamente novo. De um milhão e meio de títulos que se encontram em Harvard e que foram publicados antes de 1900, nenhum deles trata da mudança cultural. A maioria dos livros são dos últimos anos. Google mostra oito milhões e setecentos mil resultados de uma pesquisa sobre esse tema em 2007. Isso reflete a imagem que temos de nós mesmos de transformadores do mundo, porque somos criadores de cultura. Para nós cristãos não se trata de mera constatação empírica,

mas de uma obrigação enraizada na relação com o Criador do mundo. Transformar o mundo não é alheio à vocação cristã.

Sociólogos e antropólogos acentuam que somos criados pela cultura e aqui falamos de criar cultura, mudar o mundo. E então? O livro pretende acentuar essa vertente de transformar o mundo, gestar cultura. Que significa isso? Significa mudar os horizontes de possibilidade e impossibilidade, introduzir novos bens culturais, como p. ex. a bússola, a imprensa que influenciaram e marcaram o futuro. No processo de mudança jogam condições necessárias e suficientes. Além disso, distinguem-se as escalas, os níveis do alcance da mudança. Pequenas mudanças culturais todos produzimos no nível familiar. Ao ampliar o âmbito da transformação, nossa capacidade de mudança diminui já que ela depende de outras pessoas e circunstâncias fora de nosso alcance. A mudança está muito mais nos bens culturais, cujas conseqüências previstas frequentemente nos escapam, que nas pessoas, como tais. Os criadores de cultura não controlam suas criações. Há também a tentação e pretensão de mudar o mundo. Vivemos na borda da possibilidade e impossibilidade. O A. apresenta o êxodo e a ressurreição de Jesus como exemplos de criadores de cultura que resistiram aos embates opostos pela força da presença de Deus. Êxodo e ressurreição são dois momentos da cultura humana em que Deus se deu a conhecer de maneira definitiva como ele se põe em ação na vida dos impotentes.

Há páginas muito bonitas sobre a relação entre mudar o mundo e poder. Tomou como exemplos duas mulheres cujo poder se manifestou de maneira muito diferente: a princesa Diana e a Madre Teresa de Calcutá. Refere-se ao poder cultural como a capacidade de propor com êxito um novo bem cultural. Ninguém, porém, tem poder para impor um bem cultural. O poder cultural supõe acolhida pública. E portanto, depende do público que aceita ou rejeita o bem cultural proposto.

A tradição cristã conhece três forças deturpadoras da criação da cultura, quando elas dominam o ser humano: dinheiro, sexo e poder. Das três, o poder ameaça mais. Ninguém sabe nunca quanto poder possui. Nem julga possuir poder suficiente. Algo insaciável. Torna-se positivo quando visto como dom, serviço e responsável.

Outro aspecto importante da ação sobre a cultura refere-se a seu âmbito. Toda cultura tem algo de local, de comunitário no sentido de partir de pequeno grupo de pessoas. Daí a importância de círculos pequenos para transformá-la, ao produzirem um bem cultural que depois se expande. E então deixa de ser local, ao ampliar em ondas concêntricas crescentes. Haja vista a cultura desencadeada por Abraão e pequeno grupo, por Jesus e poucos discípulos. Outros bens culturais já nascem não locais, como uma obra literária que alcança leitores de diversos lugares. E finalmente toca o aspecto de surpresa e graça que existe no fato de criar cultura à

semelhança da parábola do semeador. Nunca sabemos em que tipo de terrenos semeamos. Só mais tarde pelos frutos.

Temos um livro tipicamente americano no estilo e linguagem autobiográficos, na maneira de desenvolver as ideias recorrendo ao cotidiano da vida norte-americana com inúmeras referências a filmes, artistas, escritores, programas do país. Estilo bem concreto com sensibilidade espiritual e social. Foge dos padrões de livros de sociologia ou antropologia de estilo acadêmico. Oferece, no entanto, muitos *insights* e *inputs* para pensarmos a realidade da cultura e da sua transformação numa perspectiva antropológica e cristã.

J. B. Libanio